

QUE EPM QUEREMOS?

Esta pergunta-provocação pode ter uma “multidão” de respostas. Mas será que elas bastam para transformar uma realidade que tem, no mínimo, nos inquietado?

Sim, é preciso ouvir as opiniões, as ideias e refletir sobre elas, para que possamos criar caminhos para a EPM. Construir de modo a valorizar e resgatar a história e tudo que aprendemos, além dos nossos sentimentos de pertencimento, de ousadia, de amizade e de confiança. Também queremos uma EPM que pense o futuro, que intensifique as relações com seus/suas estudantes para além das salas de aula, dos protocolos, dos prazos, das provas, das ligas, das atividades de extensão. Uma EPM que traga o colorido e efervescência das ideias, das possibilidades, onde todos possam trazer vida e mais alegria. Uma EPM onde fazer ciência não seja uma corrida de obstáculos, sem linha de partida ou de chegada, nem com pretensos/as vencedores/as ou perdedores/as. A conjuntura política parece dominar tudo, parece desmanchar os sonhos. Então, que EPM queremos, não só para enfrentar a conjuntura, mas para cooperar na abertura para novos mundos?

No processo de reflexão e caminhos a serem propostos, queremos pensar para além das métricas que nos constroem e nos paralisam, para que elas não sejam apenas a métrica do que produzimos, mas sobre o quê, por quê e como produzimos. Estamos conformados/as por diferentes saberes e práticas necessárias para a formação de profissionais de saúde, para a produção de conhecimento, para a prestação de assistência à saúde, para a execução de processos de extensão.

Diante de seus quase 90 anos de história, de tantos feitos, é o momento de termos um grito de guerra que nos une, bem como a voz dos que ainda não falaram e dos que chegaram agora, em suas moleculares produções e criações. Os dias de hoje exigem isto, novas formas de fazer, de ensinar, de aprender, de administrar, de produzir conhecimento, de se conectar com a sociedade que nos paga, acrescentando ao todo o acúmulo de saberes formados ao longo de décadas.

Tempos de ousar para reinventar

Estamos saindo de uma pandemia, que atravessou nossas vidas. Ficamos fechados por dois anos; nossos calouros estão no terceiro ano; perdemos amigos, familiares, lideranças e estamos em pleno luto. Fomos de um dia para o outro arrancados do nosso cotidiano, dos encontros, das conversas nos cafés das “tribos”. Da mesma forma abrupta, voltamos. Como se nada tivesse acontecido. As atividades retornaram de forma presencial, com muita produção nos laboratórios de pesquisa dos departamentos, os estudantes e residentes ávidos por aprendizados e treinamentos de ponta, e o sistema segue seu fluxo. Mas será que os programas de formação que tínhamos antes da pandemia hoje atendem a essas expectativas?

Os departamentos se transformaram, as aposentadorias aceleraram, nossas relações parecem estar mais frágeis, os espaços de poder mais duros. Muitos dos que chegaram e chegam não conhecem as histórias. Não necessariamente, conhecem as lutas. Sim, a EPM é também uma história de lutas, de estudantes, de residentes, de técnicos/as e de docentes.

Respostas simples não cabem aqui. Precisamos de infraestrutura, de mais financiamento, de condições melhores de trabalho, de mais espaços para crescer. Precisamos entender nossa relação com os outros *campi* e nossa relação com o HSP-SPDM. É preciso acolher as

diversidades. É preciso pensar a EPM para os próximos futuros, louvando o passado, mas dialogando com o presente.

Se por um lado perdemos muito com a pandemia, por outro também aprendemos com ela. E em nome de tudo que passou, temos que enaltecer a enorme contribuição que pudemos dar para a sociedade, salvando vidas, trazendo soluções com a pesquisa e levando conforto com projetos sociais, inclusive de combate à fome, entre tanto mais.

Também aprendemos que precisamos trabalhar em rede, pois o mundo está conectado, os avanços são enormes em curto espaço de tempo. Se não olharmos para isso, ficaremos para trás. Há de se pensar em novas formas de produzir ciência, de formar profissionais de saúde cada vez mais éticos e conectados com seu tempo, de produzir cuidado em vários sentidos, e também de nos cuidarmos.

Por todos estes motivos, apresentamos estas reflexões e convidamos a comunidade epemista a responder a pergunta-provocação. Mas não vamos fazer isso separadamente. O convite é para que o façamos juntos e juntas. Temos que falar sobre isso e nos escutarmos. Nossas respostas precisam ressoar e produzir um plano comum de ação, que comporte as singularidades que nos compõem.

Vamos iniciar a nossa reflexão conjunta. Nós podemos.

Convidamos a todos e todas para um encontro no dia 9/8/2022, às 12:00h, no Anfiteatro Jandira Masur, Edifício dos Anfiteatros, Rua Botucatu, 862.

Isabel H. Quadros
Jane Z. de Moraes
Janete Cerutti
Maria Jose Fernandes
Maria Lucia O.S. Formigoni
Magnus Regius Dias
Paulo Schor
Rosemarie Andrezza
Soraya Smaili
Vanessa C. Abilio